

## NOVOS CULTIVARES E HÍBRIDOS DE BANANEIRAS

### **Edson Shigueaki Nomura**

Eng. Agr., Me.,PqC. do Pólo Regional do Vale do Ribeira/APTA

[edsonnomura@apta.sp.gov.br](mailto:edsonnomura@apta.sp.gov.br)

### **Erval Rafael Damatto Junior**

Eng. Agr., Dr. PqC. do Pólo Regional do Vale do Ribeira/APTA

[erval@apta.sp.gov.br](mailto:erval@apta.sp.gov.br)

### **Eduardo Jun Fuzitani**

Eng. Agr., Me., PqC. do Pólo Regional do Vale do Ribeira/APTA

[edufuzitani@apta.sp.gov.br](mailto:edufuzitani@apta.sp.gov.br)

A bananeira (*Musa spp.*), pertencente à família Musaceae, é uma das fruteiras mais comuns nos países tropicais e seu fruto um dos mais consumidos no mundo.

O interesse pelo cultivo de bananeiras tem crescido consideravelmente nas últimas três décadas por apresentar rápido retorno do capital investido e fluxo contínuo de produção a partir do primeiro ano de cultivo, o que o torna atraente para os agricultores. A cultura da banana também tem grande importância no aspecto social, constituindo importante fonte de renda dos pequenos e médios produtores e da alimentação da população de baixa renda.

A Sigatoka-negra constitui um dos fatores limitantes da produção de banana em todas as partes do mundo. Esta é uma doença causada por fungos que atacam as folhas da bananeira provocando estrias marrons e manchas necróticas negras que reduzem os tecidos fotossintetizantes, provocando amarelecimento precoce dos frutos no cacho e, conseqüentemente, perdas dos rendimentos brutos.

Com a entrada da Sigatoka-negra nos bananais paulista no ano de 2004, houve grandes prejuízos aos pequenos e médios produtores, principalmente aqueles que não possuem recursos financeiros, e conseqüentemente não podem utilizar todas as tecnologias

disponíveis para o controle desta doença. Uma das alternativas para esses pequenos produtores para melhorar o controle da doença na região é a utilização de cultivares de bananeiras resistentes ou tolerantes a esta doença, sendo a estratégia ideal do ponto de vista econômico e de preservação do meio ambiente, principalmente para regiões onde a bananicultura é caracterizada pelo baixo nível de adoção de tecnologias e com baixo retorno econômico.

Alguns materiais de bananeira se destacaram com características agrônômicas e/ou fitossanitárias favoráveis, tais como 'Nanicão IAC 2001', 'Thap Maeo', 'FHIA 17', 'FHIA 18', 'BRS Princesa', 'BRS Platina'.

#### **'NANICÃO IAC 2001'**(Subgrupo Cavendish AAA)

Selecionado pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), pelo Dr. Raul S. Moreira. Apresenta altura entre 2,5 e 4,0 metros e o diâmetro do pseudocaule a 30 cm acima do nível do solo varia de 24 a 26 cm. Os cachos apresentam formato quase cilíndrico, sendo que as bananas já granadas ficam com suas extremidades distais voltada para cima. A massa fresca do cacho varia de 20 e 25 kg e o número de pencas de 8 a 10 (Figura 1).

A casca da fruta quando madura é de coloração amarela clara, a polpa é um pouco farinácea e de cor levemente creme, cujo paladar é menos adocicado que a Nanicão comum. Além disso, é três vezes mais rica em vitamina C do que a Nanicão comum. Após a climatização, conserva-se cerca de 4 a 5 dias a mais que a Nanicão comum.

É considerado resistente à Sigatoka amarela e tolerante à Sigatoka negra, pois na colheita apresenta até oito folhas vivas e sem sinais de necrose destas doenças na região Sudeste, porém na região Norte, esta cultivar é considerado suscetível. Além disso, apresenta-se tolerante ao mal do Panamá (*Fusarium oxysporum*) e suscetível ao Moko (*Ralstonia solanacearum*). Apresenta ainda, baixa tolerância ao ataque da broca das bananeiras e do nematóide cavernícola (*Radopholus similis*).



**Figura 1.** Plantas com cacho e cacho da bananeira ‘Nanicão IAC 2001’ (Fotos: Luís Alberto Saes)

#### **‘THAP MAEO’** (Grupo AAB)

Esta cultivar foi selecionada pela EMBRAPA Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA. Variante da Mysore, ela apresenta pseudocaule menos manchado, mais vigoroso e cachos maiores.

Apesar de rústica, recomenda-se que seu cultivo seja feito em solos profundos, bem drenados e realizando as adubações de rotina.

Em avaliação realizada em dois ciclos de produção na APTA Pólo Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, esta cultivar apresentou porte alto (média de 4,0 m no 1º ciclo e 5,2 m no 2º ciclo), diâmetro do pseudocaule a 30 cm acima do nível do solo de 24,4 cm (1º ciclo) e 32,0 cm no 2º ciclo. A massa fresca do cacho variou de 18 a 22 kg, mas pode atingir de até 35 kg, com cerca de 12 a 15 pencas e de 210 a 280 frutos/cacho (Figura 2).

A capacidade produtiva pode atingir de 30 a 35 t/ha, quando cultivada em solos de boa fertilidade em condições de sequeiro, usando as práticas culturais recomendadas para a cultura. Quando cultivados em solos de baixa fertilidade na região Amazônica, apresentam um bom grau de rusticidade, com produtividade na faixa de 25 t/ha.

Possui alta resistência às Sigatokas amarela e negra e ao mal-do-Panamá, sendo moderadamente resistente à broca das bananeiras e ao nematóide cavernícola.



**Figura 2.** Planta com cacho, penca e fruto da bananeira ‘Thap Maeo’ (Fotos: Edson Shigueaki Nomura)

**‘FHIA 17’** (híbrido tetraplóide AAAA)

Este híbrido é uma bananeira do tipo Gros Michel desenvolvido em 1989 pela Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), sendo consumida como fruta fresca e os frutos maduros têm sabor parecido ao da Gros Michel.

Plantas cultivadas na fazenda experimental da APTA - Pólo Vale do Ribeira apresentaram altura entre 3,5 m (1º ciclo) e 4,0 m (2º ciclo), com pseudocaule cilíndrico com diâmetro de 30,0 cm (1º ciclo) a 33,3 cm (2º ciclo) e folhas decumbentes. O cacho é cilíndrico e a massa fresca do cacho variou de 30,0 a 36,0 kg, com 180 a 210 frutos por cacho, distribuídos em 10 a 12 pencas. Os frutos apresentam coloração verde claro, semi-curvos, de 20 a 24 cm de comprimento (Figura 3). A fruta madura é de cor amarelo claro e a polpa é de cor creme.

A casca das bananas ao amadurecer tem uma coloração amarelo claro bastante atrativa, com uma textura da polpa suave e cremosa, de cor creme claro com sabor parecido aos das cultivares Cavendish. Adicionalmente ao seu consumo em forma fresca, a banana madura pode bem ser usada como purê para alimento de crianças. Também é recomendado seu

uso em salada de frutas, porque ao cortar em rodelas, não oxida como as cultivares de bananas comerciais de Cavendish.

Este híbrido é tolerante a Sigatoka-negra e resistente ao mal-do-Panamá. É moderadamente resistente aos nematóides. Por sua tolerância às principais doenças, este híbrido pode ser cultivado em sistema orgânico e pode ser uma boa alternativa para agricultura de subsistência, já que não necessitam de aplicações de fungicidas nem tecnologia sofisticada.



**Figura 3.** Planta com cacho, cacho, penca e fruto do híbrido 'FHIA 17' (Fotos: Edson Shigueaki Nomura)

#### **'FHIA 18'** (híbrido tetraplóide AAAB)

Desenvolvida pela Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), apresenta sabor semelhante ao da banana 'Prata Anã'.

A altura da planta variou de 2,7 m (1º ciclo) e 3,5 m (2º ciclo), com pseudocaule vigoroso e resistente (diâmetros de 21,6 cm e 27,1 cm, respectivamente) (Figura 4). A massa fresca do cacho variou de 15,0 a 20,0 kg, com 130 a 170 frutos por cacho em 9 a 11 pencas, quando cultivados em Pariquera-Açu, SP (APTA - Pólo Vale do Ribeira).

As bananas maduras apresentam a casca com coloração amarela muito atraente, com textura da polpa suave e cor creme. A banana madura pode ser usada como purê para alimento de crianças.

Apresenta média tolerância a Sigatoka-amarela, resistência a Sigatoka-negra e ao mal-do-Panamá.



**Figura 4.** Planta com cacho, cacho, penca e frutos do híbrido 'FHIA 18' (Fotos: Edson Shigueaki Nomura)

#### 'BRS 'PRINCESA' (híbrido tetraplóide AAAB)

Este híbrido é resultante de cruzamento da cultivar Yangambi nº 2 com o híbrido diplóide M53 (AA), criado pela EMBRAPA Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA.

O cultivo deste híbrido na fazenda experimental da APTA - Pólo Vale do Ribeira (Pariqueraçu/SP) apresentou plantas de porte alto (1º ciclo: 3,8 m e 2º ciclo: 5,0 m), pseudocaule vigoroso e resistente (25 a 30 cm de diâmetro). A massa fresca do cacho variou de 10 a 15 kg e os frutos são maiores e mais grosso do que a banana 'Maçã' (12 a 16 cm de comprimento e 32 a 34 mm de diâmetro), com sabor semelhante ao da banana 'Maçã' (Figura 5). Apresenta-se resistente às Sigatokas amarela e negra e tolerante ao mal-do-Panamá.



**Figura 5.** Planta, penca e frutos do híbrido 'BRS Princesa' (Fotos: Edson Shigueaki Nomura)

**'BRS PLATINA'** (híbrido tetraplóide AAAB)

Este híbrido é resultante de cruzamento da cultivar Prata-anã com o híbrido diplóide M53 (AA), desenvolvido pela EMBRAPA Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA.

Em avaliação realizada em dois ciclos de produção na APTA Pólo Vale do Ribeira, Pariquera-açu/SP, apresentou plantas de porte alto (1º ciclo: 2,8 m; 2º ciclo: 3,5 m), pseudocaule vigoroso e resistente (25 a 30 cm de diâmetro). A massa fresca do cacho variou de 16,0 a 20,0 kg e os frutos são maiores e mais grosso do que a 'Prata-anã (18 a 22 cm de comprimento e 34 a 36 mm de diâmetro) (Figura 6). Apresenta-se resistente ao mal-do-Panamá e suscetível às Sigatokas amarela e negra.



**Figura 6.** Planta e cacho do híbrido 'BRS Platina' (Fotos: Edson Shigueaki Nomura)

Estes novos cultivares e híbridos apresentam muitas vantagens, principalmente em relação à tolerância as principais doenças que ocorrem em bananeiras, não sendo necessária a aplicação de fungicidas para o seu controle, com menor custo de produção e garantia de fruta isenta de contaminantes químicos. Além disso, podem ser utilizados em cultivo orgânico.

Apesar destas vantagens, a aceitação destes novos materiais pelo mercado consumidor ainda é dificultada, por falta de marketing ou simplesmente por apresentarem sabor diferente as cultivares tradicionalmente comercializados (Nanica e Prata).